

<https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18690706-V34-02.pdf>

Artigo da Review and Harold, 06.07.1869 – A Trindade

O Baptist Tidings (*periódico batista que existia na época*) notou algumas observações sobre esse assunto, não publicado há muito tempo na REVIEW. Ele diz: "Um escritor na *Adventist Review*, ao falar da trindade, dá as razões pelas quais nunca foi adotada ou tentou explicar a doutrina. Alguns dos seus pontos de vista são muito sensíveis e lógicos. Ele de modo algum nega o caráter completo e o trabalho, o culto são atribuído a Cristo na Bíblia. Esses estão endossados e inequivocamente enganados. A questão com ele parece ser unicamente no uso da palavra trindade, conforme aplicado a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A sua objeção é que é incomum, que o termo trindade, "Deus trino", não ocorre na Bíblia. Este ponto, no que diz respeito ao uso de palavras, todos admitirão é bem tomado. O uso da palavra não pode ser defendido em fraseologia bíblica estrita. Nem podem outras doutrinas ou verdades escriturais, como expressas teologicamente, mas que ainda são geralmente recebidas. É o caso, a crença e a expressão comuns, a imortalidade da alma, recompensas e punições futuras, por exemplo".

O uso de um termo não bíblico não é minha única objeção. Um termo não encontrado nas Escrituras pode realmente expressar uma ideia bíblica. No entanto, quando nenhum termo pode ser encontrado nas Escrituras que transmitirão a ideia, parece suspeito, pelo menos, que a ideia, bem como o termo, não sejam bíblicos. Quanto aos exemplos que o Tidings se refere como verdades bíblicas, embora não encontradas são expressamente declaradas nas Escrituras, observamos que a Bíblia promete uma recompensa aos justos e punição aos ímpios, e o fato de que eles são prometidos os torna futuros . Entretanto, a "imortalidade da alma", embora "geralmente recebida", não é apenas uma expressão não encontrada nas Escrituras, mas a ideia não é encontrada ali, exceto como a recompensa dos justos, para ser conferida somente na ressurreição. Se o nosso amigo tivesse juntado esse exemplo, "o primeiro dia da semana" bem como o "Sábado cristão", seria ter um par de ilustrações que se adaptariam bem com a doutrina sob investigação, e com essa doutrina teria formado uma trindade, ou pelo menos um trio, não apenas de expressões não-bíblicas, mas de ideias não bíblicas e doutrinas, todas as quais foram "recebidas geralmente" da "igreja mãe" , "sem uma investigação bíblica (*trio: trindade, imortalidade da alma e primeiro dia da semana*)."

O Tidings define a "trindade de Deus" como "os três cargos do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em uma pessoa divina e eterna". Isso leva à sua explicação da doutrina. Entendemos que o termo trindade significa a união de três pessoas, não ofícios (*papéis*), em um só Deus; sendo que

"O Pai, o Filho e o Espírito Santo,  
são três no mínimo, e um no máximo".

Em que uma pessoa são três pessoas e que três pessoas são apenas uma pessoa, é uma doutrina contrária à razão e ao bom senso. O ser e os atributos de Deus estão

acima, além, fora do alcance do meu sentido e razão e, ainda, acredito neles; mas a doutrina que eu protesto é contrária, sim, essa é a palavra, ao próprio sentido e razão que Deus implantou em nós. Em tal doutrina, Ele não nos pede para acreditar. Um milagre está além da nossa compreensão, mas todos acreditamos em milagres, visto que cremos estar além do nosso juízo. Aquilo que vemos e ouvimos nos convence de que existe um poder que realizou o mais maravilhoso milagre devido a sua criação. Mas nosso Criador conclui ser um absurdo para nós que uma pessoa deveria ser três pessoas e três pessoas fossem senão uma pessoa e, em sua palavra revelada, Ele nunca nos pediu para acreditar nisso. Este nosso amigo pensa que é censurável. Ele diz "mas a expressão censurável do escritor referido é aquela em que ele se recusa a explicar o que é contrário a todo o sentido e razão que Deus me deu". Nessa expressão, ele coloca seu "sentido e razão" em antagonismo direto com a doutrina da trindade. Talvez a palavra contrária "fosse concebida apenas para significar fora do alcance de seu sentido e razão ou acima deles. Se assim for, não temos objeção. Pode ser verdade, mas o sentido e a razão que Deus lhe deu não é a vara de medição do próprio Deus".

E dito em Prov.17:14: "Como o soltar das águas é o início da contenda, assim, antes que sejas envolvido afasta-te da questão." Se eu refletisse nesse texto (*texto bíblico*), talvez eu não devesse ter escrito meu primeiro artigo sobre o assunto da trindade. Nunca acreditei na doutrina, nem mesmo professei acreditar. Mas não acho a heresia mais perigosa do mundo. Esta é a razão pela qual eu nunca antes disse nada publicamente sobre isso. Penso que falsas opiniões sobre a natureza do homem são mais perigosas nestes dias de infidelidade espiritualista e falsas visões dos mandamentos de Deus, que levam os homens a quebrá-los e ensinar os homens, são ainda mais perigosos. Isso põe em perigo a alma, de acordo com o aviso mais solene do nosso Salvador, mas manter a doutrina da trindade não é tanto uma evidência de intenção maligna quanto de intoxicação desse vinho do qual todas as nações beberam. O fato de que esta foi uma das principais doutrinas, se não a principal, sobre a qual o bispo de Roma foi exaltado ao pontificado, não diz muito em seu favor. Isso deve fazer com que os homens investiguem por si mesmos; tanto quanto os espíritos dos demônios que operam milagres se colocaram em defesa da imortalidade da alma. Eu nunca tive dúvida disso antes, eu devo agora provar isso para despedaçar, com a palavra que o espiritismo moderno não pode em nada.

Os homens chegaram a extremos opostos na discussão da doutrina da trindade. Alguns fizeram de Cristo um mero homem, começando sua existência em seu Nascimento em Belém; outros não se mostraram satisfeitos em afirmar que ele é o que as Escrituras tão claramente o revelam, o Filho de Deus pré-existente, mas o tornaram o "Deus e pai" de si mesmo. Não pretendo acrescentar muito aos barris de tinta que foram desperdiçados nos dois lados desta questão. Eu simplesmente aconselharia todos os que amam nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a acreditar em tudo o que a Bíblia diz sobre Ele e não mais. Então você terá a verdade e não ocupará nenhum desses extremos.

Quando Jesus diz: "Eu e meu Pai somos um", não adicione a pessoa, mas compreenda que sejam um, como dois, três ou qualquer número de cristãos são um; porque Jesus orou para que seus discípulos pudessem ser um, como Ele e o

Pai são um. Compreenda que eles estão em perfeita harmonia, de uma mente e propósito, em um projeto e em uma ação; Eles eram um na criação do mundo, e um ao resgatá-lo. Então, quando o mesmo divino Filho de Deus diz: "Meu Pai é maior que eu", você não o fará se contradizer. Mas se você interpolar pessoa ou ser, você tem uma contradição, e são obrigados a recorrer a outra invenção, as "duas naturezas inteiras" - a "Divindade e a humanidade" - de que a Bíblia não diz nada, para ajudá-lo. Então, quando Jesus usa os pronomes eu, meu ou eu, você adivinha que às vezes é a humanidade e às vezes a Divindade que fala, como melhor se adequar à teoria que você escolheu para defender; praticamente acentuando o Salvador da dupla mente, se não de duplo trato. Deixe Jesus e a Bíblia falar por si mesmos, e não adicione suas palavras. Se você entrar em uma loja de um pai e seu filho e dizer ao filho, gostaria de ver seu pai em relação ao nosso negócio; e ele respondesse: "Eu e meu pai somos um, o que me viu tem visto a meu pai", você o entenderia como falando figurativamente. Você não iria embora e informando que o filho falou que ele e seu pai eram apenas uma pessoa.

Cristo estava em glória com seu Pai antes que o mundo fosse. "E agora, ó Pai, glorifique-me com o seu próprio amor com a glória que EU TIVE COM O QUE era antes do mundo" A oração foi respondida. O Filho de Deus agora é glorificado pela mão direita de seu Pai. Ele "ascendeu até onde ele estava antes". As duas-completas-naturezas articulam-se girando rapidamente na interpretação dessas passagens, especialmente por ter sido o Filho do homem que ascendeu. Ele era o Filho de Deus antes que o Pai o enviasse ao mundo, ele se tornou o Filho do Homem quando foi feito carne e habitou entre nós; ainda assim ele é o mesmo que ele era antes. Como podem ser essas coisas? Elas estão além do nosso sentido e razão, mas não são contrários a eles.

Nosso sentido e razão são muito limitados. Não podem compreender as obras poderosas de Deus; mas o pouco que temos, Ele intenta que seja usado na investigação de Sua palavra. Ele não violou nem nos pediu para violar o pequeno sentido e a pequena razão que temos. A revelação vai além de nós; mas em nenhum caso é contrário à razão correta e ao bom senso. Deus não afirmou, como os papas, que ele poderia "fazer justiça da injustiça" e ele, depois de nos ensinar a contar, nos disse que não há diferença entre os números singular e plural.

Deixe-nos acreditar em tudo o que Ele revelou, e não adicione nada.

R.F. Cottrell